

# O NASCIMENTO E OS PRIMEIROS PASSOS DO TETEF

*Ismael Scheffler<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo faz um registro histórico do surgimento e das primeiras encenações do TETEF, Teatro da Escola Técnica Federal do Paraná, entre 1972 e 1975. Considera sobre o contexto de seu surgimento no início dos anos de 1970, as motivações legislativas e educacionais da instituição de ensino, e pondera sobre as aspirações artísticas e profissionais de seu primeiro professor, José Maria Santos. Identificando os objetivos iniciais do grupo de teatro é possível vislumbrar o perfil de seu trabalho e a repercussão humanística que a atividade abrangiu.

**Palavras-chave:** História; teatro paranaense; teatro na UTFPR; José Maria Santos.

**Abstract:** The current article historically registers the upcoming and first plays from TETEF, Teatro da Escola Técnica Federal do Paraná (Theater of Federal Technical School of Paraná), between 1972 and 1975. It considers the context of its upcoming in the early 1970s, the legal and educational motivation from the educational institution, and ponders on the artistic and professional aspirations of its first teacher, José Maria Santos. Identifying the initial objectives from the theater group, it is possible to glimpse its work profile and the humanistic repercussion that the activity embraced.

**Keywords:** History; paranaense theater; theater at UTFPR; José Maria Santos.

## 1. Introdução

No dia 16 de novembro de 1972, José Maria Ferreira Maciel Santos assinou seu contrato de trabalho na Escola Técnica Federal do Paraná, assumindo o cargo de professor de teatro de 1º e 2º graus. Nesta mesma data, celebra-se o nascimento do Grupo de Teatro da Instituição, que recebeu o nome de TETEF: Teatro da Escola Técnica Federal [do Paraná]. O Grupo chamou-se TETEF até 1978 quando a instituição passou a ser Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, renomeando-se o Grupo para TECEFET. Em 2005, vinte e sete anos depois, a alteração da designação veio novamente com a transformação do CEFET-PR em Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), passando a se chamar TUT – Teatro da

---

<sup>1</sup> Mestre em Teatro. Professor de Teatro na UTFPR-Campus Curitiba. Coordenador do TUT.

Universidade Tecnológica [Federal do Paraná – Campus Curitiba].

O objetivo do presente texto é de registrar alguns aspectos da história do Teatro dentro da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e, conseqüentemente, da própria história da Instituição e, não menos importante, da história do teatro de Curitiba. O TETEF / TECEFET / TUT foi e é incentivador à atividade teatral, despertando vocações para diversas áreas humanísticas, bem como para pessoas que a partir de sua experiência nos cursos e Grupo de Teatro, decidiram-se profissionalmente por esta arte, influenciando e escrevendo a história do teatro paranaense e brasileiro.

## 2. O surgimento do Grupo de Teatro

Mesmo que algumas atividades teatrais já ocorressem dentro da instituição em anos anteriores, é a partir de 1972 que se conta o nascimento do Grupo de Teatro<sup>2</sup>. É a partir desta data que o teatro é marcado por duas características: sua ininterruptão e sua articulação em grupo. Desde então, atividades teatrais são realizadas como atividades extracurriculares organizadas em forma de grupo, âmbito no qual o trabalho será contínuo e progressivo, dentro de ciclos de renovação dos integrantes do grupo.

O trabalho de grupo permite uma estabilidade de elenco que pode, por isto mesmo, permitir a conformação de um esquema de treinamento e preparação do ator, bem como contribuir na criação de material espetacular de forma mais orgânica, favorecendo também o trabalho de formação humana de uma maneira mais profunda e significativa<sup>3</sup>. Tudo isto através da constituição de uma turma que

---

<sup>2</sup> Em sua pesquisa, Cleonice de QUEIRÓZ aponta o trabalho do professor Paulo de Tarso Monte Serrat como um período embrionário. Não se sabe ao certo quando estas atividades teatrais de montagem de pequenas peças tornaram-se prática, mas, conforme declaração de Monte Serrat, teria sido em meados dos anos de 1950 até meados dos anos de 1960. O professor escrevia pequenos textos a serem encenados, selecionava os alunos que atuariam e dirigia as pequenas peças. “...era analisado no aluno suas aptidões naturais, a de cada elemento, para melhor incorporar o personagem em questão; a cada montagem, ensaiavam diretamente com inserção nos textos, somando ao biotipo do candidato, sua aptidão natural, e se o jeito dele estava aproximado ao personagem. Fazia-se uma seleção através de pedaços de textos prontos, trazidos pelos candidatos, que apresentavam para os professores da organização do teatro; em levado em conta a sua expressão e sua vocação para aquela atividade..., seu potencial de naturalidade para incorporar a personagem.” (QUEIRÓZ, 2000, p. 6) Nota-se um processo de seleção de elenco baseado em teste e adequação do aluno, ou seja, o processo consistia não em um trabalho de grupo que presume uma formação constante. O trabalho aproveitava o talento natural baseado numa interpretação intuitiva da personagem sem uma preparação e formação técnica e artística dos alunos-atores. Ignora-se uma possível continuidade da atividade teatral na segunda metade da década de 60.

<sup>3</sup> Ver: OLIVEIRA, 2003. A autora trabalha o tema numa perspectiva mais específica sobre o trabalho de grupo profissional, mas sua reflexão e desafios para pensar o teatro de grupo também podem servir de base para se pensar a atividade teatral dentro do contexto universitário.

se reúne em torno de um objetivo comum: produzir teatro. Embora possa haver motivações individuais distintas na procura pelo teatro dentro da instituição de ensino, tais como perda de timidez, busca por aprimoramento na comunicação ou mesmo paixão artística, a confluência em conquistar um objetivo comum, a realização de um espetáculo de teatro, leva a esta identidade coletiva. Nela é possível conferir as contribuições de um grupo, diferentemente de uma reunião momentânea para a realização de uma peça teatral, contexto que, mesmo que positivo, não permite práticas de repercussão mais profundas.

O TETEF surge já como atividade extraclasse e por influência da Lei 5.692/71. É a partir desta lei, que prevê a inclusão da disciplina de Educação Artística, que a arte ganha mais espaço dentro dessa escola técnica. No programa do espetáculo *O Auto da Compadecida*, primeiro espetáculo encenado pelo Grupo de Teatro em maio de 1973, pode-se encontrar esta referência:

Em boa hora a reforma do ensino que se implanta no País veio fazer da educação artística item obrigatório nos currículos de nossas escolas de 1º e 2º graus. Estimulando e desenvolvendo a sensibilidade e o gosto artístico dos educandos, a escola coloca-os de olhos abertos face ao mundo das artes, que é obra do homem tanto quanto o mundo tecnológico, o político ou o econômico em que vive e que, como tal, deve ser amplamente conhecido pelas gerações que herdarão nossa cultura.

A Lei previa, no artigo sétimo, a inclusão obrigatória da disciplina de Educação Artística nos currículos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus. Em uma matéria jornalística do DIÁRIO Popular<sup>4</sup> escrita por ocasião da estréia de *O Pagador de Promessas*, em 1975, pode-se perceber que o surgimento do grupo de teatro era realmente visto como um prolongamento influenciado pela nova legislação: “Com essa produção, o Paraná se coloca entre as unidades pioneiras da Federação na inclusão da educação artística como item obrigatório nos currículos das escolas de 1º e 2º graus, dentro da implantação da Reforma do Ensino. A Escola Técnica Federal do Paraná foi adiante, formando seu próprio grupo teatral”.

O professor Ivo MEZZADRI, diretor da ETF na época da fundação da atividade teatral, em depoimento<sup>5</sup>, lembrou o sistema em que as aulas de Educação Artística eram realizadas. “Não eram aulas formais em sala de aula. Os alunos eram reunidos no Auditório e ali tinham palestras ou demonstrações artísticas com diversas pessoas de escultura, pintura, teatro...”. Naquela época, também relatou Mezzadri, realizavam-se com certa freqüência reuniões com os alunos, com cerca de vinte minutos, um tempo em que a direção e os professores apresentavam as suas pretensões e realizações, uma forma de comunicação com os alunos. Em uma

---

<sup>4</sup> Texto encontrado nos arquivos do TUT sem referência de título, autoria e data.

<sup>5</sup> No dia 31 de maio de 2007, foi realizando um evento comemorativo aos 35 anos do TETEF/ TECEFET/ TUT. Nesta ocasião o professor Mezzadri foi convidado a dar um depoimento sobre o início do Teatro na ETF.

das reuniões, recordou Mezzadri, um grupo de alunos questionou sobre o porquê de não existir um grupo de teatro na escola. A idéia estava lançada e foi sendo trabalhada pela direção.

Neste período, a Escola Técnica comprava espetáculos teatrais de Curitiba ou de São Paulo para serem apresentados aos alunos. Cada espetáculo era apresentado várias vezes em diferentes turnos dando-se opção aos alunos que podiam assistir mais de uma vez a peça e, assim, trazer também membros da família e amigos. A Instituição também comprava do Teatro Guaíra ingressos de espetáculos que distribuía aos alunos. O objetivo daquelas apresentações, segundo o professor Ivo, era de desenvolver a percepção dos alunos e formar um público apreciador de arte.

José Maria Santos foi um dos que trouxe um espetáculo, o monólogo *Lá*<sup>6</sup>. Em 1972, José Maria Santos já possuía um carreira de reconhecimento, sendo uma figura de destaque no panorama artístico do Paraná. *Lá* havia entrado em cartaz naquele ano e tinha ampla repercussão na imprensa. José Maria também já havia se destacado por sua articulação e liderança junto à classe artística e era professor do Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra, onde permaneceu por seis anos. A partir da apresentação na ETF, Ivo Mezzadri realizou o convite para a formação de um grupo na Escola Técnica. Mezzadri reconheceu em Santos algumas características que julgava importantes: “Você tem vocação para a atividade artística, é um ator, é uma pessoa que tem a sensibilidade de pasmear as pessoas. [...] Você é casado, tem família, e eu acho que é um exemplo de pessoa ligada a classe artística”. José Maria agradeceu o convite e até sugeriu o nome de outras pessoas relacionadas ao sindicato dos artistas. Cerca de dois meses depois, telefonou de uma cidade do interior onde estava em turnê e manifestou seu interesse no convite. José Maria, ao longo de sua vida, sempre foi um grande crítico da classe teatral e do apoio dispensado para o Teatro no Paraná, e viu ali a possibilidade de trabalhar pela transformação que acreditava ser urgente. “Nós estávamos certos, por que o Zé Maria tinha uma facilidade muito grande de observar as pessoas... Ele realmente era vocacionado para a atividade artística no sentido de descobrir talentos jovens”, diz Mezzadri.

Em seu surgimento, atribuía-se ao teatro alguns objetivos: o desenvolvimento do aspecto humanístico nos alunos, sendo um complemento à formação técnica, também uma espécie de válvula de escape a um ensino assentado sobre o raciocínio lógico-matemático, assim como um espaço para a formação de artistas profissionais de teatro e um campo para a formação de platéia, educando os

---

<sup>6</sup> Santos nasceu em 1933 e faleceu em janeiro 1990. Ator, diretor, produtor e professor de teatro. Em 1954, começou a estudar na Escola de Arte Dramática do SESI. Em 1957, funda a Cia. Dramática Independente com Ruben Valduga, iniciando-se uma efetiva profissionalização no teatro paranaense. Estréia em 1972 o espetáculo *Lá*, que apresentou cerca de 1.800 vezes até 1989. Esteve a frente do TETEF/TECEFET por 17 anos.

alunos para a apreciação da linguagem cênica.

Para Cley SCHOLZ, ex-aluno do curso Técnico em Telecomunicações e que integrou o Grupo de Teatro de 1975 a 1978, tornando-se posteriormente jornalista, o teatro desempenhava importante complemento de formação educacional e desenvolvimento pessoal.

O ensino do teatro acabou mostrando uma forma de educação integrada, que abriu as portas para outros campos do conhecimento, despertando vocações e desenvolvendo a percepção para os valores filosóficos – em oposição, ou como complemento ao mundo da eletrônica, da matemática algébrica, da trigonometria, da mecânica e das edificações.

Não se tratava simplesmente de tentar formar atores, muito pelo contrário, foram poucos os que saíram do grupo para a carreira profissional nos palcos. Tratava-se muito mais de enriquecer a formação profissional de centenas de adolescentes, fazendo-os crer neles mesmos, ensinando-lhes a se expressar física e verbalmente e introduzindo-os no mundo da cultura – não só do teatro, mas da literatura, da poesia, da estética e da dramaturgia de um modo mais abrangente. (1990, p. 1)

Este mesmo aspecto é expresso no programa do espetáculo *Médico à Força*, de 1989, escrito por Ivane Angélica CARNEIRO: “Quando um aluno entra no grupo é porque busca algo além do ensino técnico e ali encontra sensibilidade artística e realização, o que faz compreender melhor o seu verdadeiro eu e o mundo que o cerca.”

O interesse de que o TETEF fosse um espaço de profissionalização teatral é várias vezes mencionado em documentos do período de surgimento do grupo: “Na opinião do Zé, o teatro amador como este, da Escola Técnica, tem dois objetivos a atingir: o primeiro diz respeito à formação de atores, e o segundo, indireto mas não menos importante, diz respeito à formação de uma platéia para o teatro profissional.” (NÃO EXISTE, 1974, p. 2). Existia para José Maria Santos uma preocupação em preparar os alunos para uma atuação profissional voltada ao mercado artístico. Talvez este entendimento tenha a ver com o contexto da época, fase de crescimento do meio teatral profissional no Paraná e esperança do próprio José Maria em contribuir para uma renovação do perfil do profissional de teatro: “fazer teatro amador sempre foi uma tarefa difícil e importante porque um bom grupo de teatro amador conscientizado de sua missão é sem sombra de dúvidas a maior escola para o artista de teatro e também um celeiro de elementos para o profissionalismo.” (SANTOS, 1973)<sup>7</sup>. Seu interesse estava voltado não apenas para o ator e a atriz, mas também para a formação de figurinistas, cenógrafos, iluminadores e outros técnicos de teatro. O desenvolvimento da formação nestas outras profissões se dava a partir da vivência na realização dos espetáculos, dando-se oportunidade para que os alunos participassem dos processos de criação.

---

7 Texto jornalístico encontrado nos arquivos do TUT sem referências de publicação, escrito por ocasião do espetáculo *O Auto da Compadecida*, em 1973.

O interesse na educação do aluno para a apreciação de espetáculos teatrais, aparece desde antes da fundação do grupo, como já mencionado. Este processo de formação de platéia, que consiste muito mais do que aprender etiqueta de comportamento, exigiu um determinado esforço e uma postura pedagógica para que a atividade fizesse sentido. Certa vez Santos afirmou que

no início era praticamente impossível fazer um espetáculo e chegar ao seu final. E isso acontecia até com os grupos profissionais que às vezes se apresentavam por lá. O comportamento habitual dos alunos era terrível. Quando iniciamos, sofremos tudo isso e sentimos todavia que ali estava um tremendo potencial e antes de qualquer coisa seria necessário conquistar a platéia. Uma platéia tão grande, equiparada ou até maior que a habitual na cidade de Curitiba. Mas precisaríamos despertar o seu interesse, levando trabalho dos próprios alunos, fazendo palestras, antes, e depois dos espetáculos. Teve oportunidade em que chegamos a interromper a peça para conversar com a platéia, explicar o que estava ocorrendo no palco. (TEATRO, 1977, p. 2)

É muito comum ouvir relatos de ex-alunos que estudaram na instituição entre 1972 e 1989, período em que José Maria dirigiu o Grupo de Teatro, do interesse dos alunos em assistir as apresentações teatrais realizadas sob a direção de Santos. “Seu maior mérito, no entanto, segundo a direção do Centro de Educação, está em formação de uma platéia, já que educa o aluno a assistir, respeitar e apreciar o teatro.” (JANKOSKI, 1983, p. 01). Entendendo que a arte não se restringia a um determinado grupo de pessoas, mas a toda sociedade, indistinto da classe social ou da idade, se pretendia através do TETEF dar acesso às pessoas ao teatro: “O TETEF iniciou suas atividades no ano de 1972, com o objetivo de fazer com que o teatro fosse visto como um veículo incisivo de aculturação do jovem aluno da ETFPR, e não como um divertimento das classes mais privilegiadas.” (NA BOCA, 1975). Esta preocupação de levar as pessoas ao teatro e formar público não foi um fato restrito a comunidade interna. Os espetáculos do Grupo eram abertos ao público e levados à comunidade externa, tendo repercussão não só em Curitiba: “O TETEF tornou-se muito conhecido, muitas viagens ao interior, muitos concursos dos quais ele participava”, declarou MEZZADRI.

### 3. As primeiras encenações

O TETEF realizou suas primeiras apresentações no Teatro Guaíra. Em maio de 1973, poucos meses após o início do ano letivo, a Escola Técnica Federal do Paraná levava aos palcos durante quatro dias, dezesseis alunos apresentando uma importante obra da dramaturgia nacional: *O Auto da Compadecida*, texto de Ariano Suassuna<sup>8</sup>, dirigida por José Maria Santos.

---

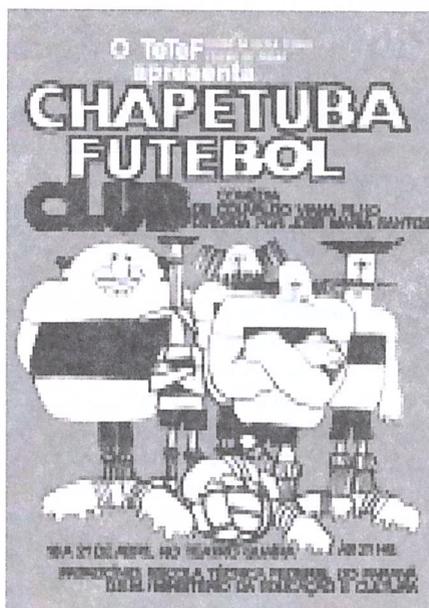
<sup>8</sup> O texto foi escrito em 1955 e teve sua primeira montagem em 1956 no Recife, Pernambuco, com o Teatro Adolescente do Recife. Sábado Magaldi, afirmou em 1962 que era “o texto mais popular do moderno teatro brasileiro”.

Em 1974, o TETEF encena com dez alunos/atores, no pequeno auditório do Teatro Guaira, *Chapetuba Futebol Clube*, texto de Oduvaldo Vianna Filho<sup>9</sup>.

O trabalho de José Maria Santos junto ao grupo e à Instituição, trazia grande realização a ele, como se pode comprovar em seu texto no programa deste espetáculo:

Encenar *Chapetuba Futebol Clube* com o grupo de jovens amadores da Escola Técnica Federal do Paraná, me dá muita satisfação e esperança de que nem tudo está perdido dentro dessa situação caótica, ridícula e angustiante que se encontra o teatro brasileiro, onde há a inversão de valores e a confusão é total.

Com o *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, primeiro espetáculo do grupo, e agora com *Chapetuba Futebol Clube*, posso desenvolver um trabalho, que considero importante, e que consiste em encenar peças brasileiras de conteúdo popular, para que o povo não fique à margem dos problemas que lhe dizem respeito. A satisfação total é de poder contar com o apoio total da Direção da Escola e com o entusiasmo de atores jovens disciplinados, responsáveis e conscientes de que a carreira de ator não é um oásis aberto a todo tipo de vagabundagem e sim o que realmente ela é: uma das mais exigentes, das mais ingratas, das mais cansativas profissões, aquela que exige do homem o dom de si mesmo, de uma maneira generosa e, por conseguinte, custosa. (CHAPETUBA, 1974)



<sup>9</sup> Escrita e estreada pelo Teatro de Arena, em 1959. Em 1960, foi montada em Curitiba com direção de Glauco Flores de Sá Brito, tendo no elenco José Maria Santos.

José Maria também expressou este sentimento de realização em uma entrevista dada ao jornal Diário do Paraná:

...é um trabalho que me gratifica. No profissionalismo luto contra uma série de coisas, sou obrigado a fazer concessões para sobreviver. Lá não. Não tenho preocupações com isso. E esse é um dos fatores que me mantém nesse trabalho. Tencionamos realizar um trabalho para aproveitar de modo mais abrangente os muitos alunos que nos procuram. O ideal seria uma grande montagem, para dar oportunidade a todos. O que fazemos na Escola Técnica deveria servir de exemplo para outros estabelecimentos de ensino e para os órgãos oficiais. A gente sempre procura um trabalho sem alardes. A preocupação é pelo fazer. Atingir a meta que são os 4 mil alunos e suas famílias. (TEATRO, 1977. p. 02)

A encenação de *Chapetuba Futebol Clube* foi inscrita no II Festival Nacional de Teatro Amador de Ponta Grossa ganhando o prêmio de Melhor Espetáculo.

...concorrendo com inúmeros outros grupos de maior vivência e recursos, tem a sua encenação do *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Viana Filho, considerada como o melhor espetáculo do encontro, levando a professora e crítica Luíza Barreto Leite a comentar, entusiasmada, no seu livro *Teatro e Criatividade*<sup>10</sup>: “A equipe da Escola Técnica Federal do Paraná e seu diretor, José Maria Santos, realizaram um espetáculo do qual Vianinha se orgulharia. (D.G.D, 1985)

O espetáculo seguinte encenado pelo TETEF foi *Irmãos das Almas*, de Martins Pena<sup>11</sup>. Este espetáculo, com dez alunos no elenco, deu seguimento a proposta de Santos em montar espetáculos de autores brasileiros, fazendo com que os alunos e o público tivessem maior identificação com o teatro e tivessem maior consciência de sua realidade.

Segundo Cleonice de QUEIRÓZ, José Maria Santos

foi um homem de resistência a vida toda; trabalhou com teatro num momento político de nosso país em que havia a mais efetiva proibição de falar contra, e falou contra o tempo todo. Nos anos que esteve no CEFET-PR particularmente foi de encontro com um meio completamente ditatorial na sua época; com os textos que ele escolhia montar, respondeu ao sistema ditatorial. Dono de uma ideologia firme e decidida a formar opinião, usava a dramaturgia que já estava pronta e, nas suas montagens, imprimia sua visão de mundo rebelde, e resistente ao sistema autoritário, quase sempre pelo viés da comédia, aproveitando para, com isso, formar também consciência crítica em seus atores/alunos. (2000, p. 18)

---

<sup>10</sup> Leite, Luíza Barreto. *Teatro e criatividade*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1975. 219 p.

<sup>11</sup> A peça foi escrita em 1844, no Rio de Janeiro.

Em 1975, o TETEF encara um novo desafio: encenar *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes<sup>12</sup>, e apresentá-lo com o grupo amador no grande auditório do Teatro Guaíra, que possui capacidade de 2.700 lugares. A média de público foi de 1.800 pessoas em três temporadas. Foi a única vez que a esta instituição de ensino enviou seus alunos ao Guairão. A surpresa maior está no fato de obter tamanho público em todas as apresentações. A direção deste espetáculo ficou a cargo de Aluizio Cherubin, convidado por José Maria Santos, que coordenou e fez a produção do espetáculo com dezoito alunos no palco.

Cleonice de QUEIRÓZ apresenta a trajetória de Santos junto ao TETEF/TECEFET em diferentes fases: as primeiras peças (1972 a 1975), a segunda fase com a colaboração de Ulisses Iarochinski<sup>13</sup> (1975 a 1979) e, por fim, a década de 1980 (1980 a 1989). A percepção do encerramento de uma primeira etapa do TETEF foi sentida pelo próprio José Maria com a mudança de seu elenco e com a mudança de propostas dramaturgicas.

Se propunha inicialmente, o TETEF a um trabalho calcado em cima da dramaturgia brasileira. Assim foi que com o primeiro grupo de alunos formado na escola, foram encenadas as seguintes peças: *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Viana Filho, encenação esta que nos valeu o prêmio de melhor espetáculo no *II Festival Nacional de Teatro Amador de Ponta Grossa*, em 1974, *Irmãos das Almas* de Martins Pena, e encerrando o ciclo, *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, este espetáculo marcou também a despedida dos integrantes do primeiro grupo de alunos da ETFPR. 1975 registra o início do novo grupo de alunos, e agora com objetivos mais amplos em termos de dramaturgia mundial. E é assim que fomos buscar em Cervantes duas comédias curtas: *A Guarda Cuidadosa* e *Os Faladores*. A seguir montamos *Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki, com a qual permanecemos por mais de um ano, com duas temporadas no Teatro Guaíra, e encenações em três Festivais: Cascavel, Londrina e finalmente no Festival Nacional em Ponta Grossa. (NA BOCA, 1975)

Nos programas arquivados dos espetáculos encenados pelo grupo na fase inicial, pode-se encontrar os nomes de alunos que participaram das primeiras montagens do TETEF. Entre vários nomes, alguns se repetem revelando a permanência destes alunos ao longo da primeira fase do Grupo. Com a saída deste núcleo, o Grupo experimenta sua primeira renovação completa.

---

12 *Pagador de Promessas*, escrito em 1959, estreou no Teatro Brasileiro de Comédia (São Paulo), em 1960. No cinema, a obra foi lançada no Brasil em 1962, com adaptação e direção de Anselmo Duarte. Recebeu uma indicação ao Oscar na categoria de Melhor Filme Estrangeiro e ganhou a Palma de Ouro, no Festival de Cannes.

13 A partir de 1975, Ulisses Iarochinski, aluno da Instituição, foi aluno bolsista para coordenar os assuntos das produções de Santos. Ulisses acompanhou as atividades de 1975 a 1979. Atualmente é jornalista e um dos responsáveis pela manutenção e conservação do acervo de José Maria Santos.

Este perfil do Grupo de grande rotatividade do elenco se seguirá periodicamente até os dias de hoje. A estimativa média é de que o grupo se renova totalmente a cada um ano e meio a dois. Característica própria de uma instituição que recebe e encaminha a cada ano novos alunos, gerando por isto mesmo a oportunidade de mais pessoas vivenciarem a experiência teatral.

#### 4. Conclusão

Ao completar 35 anos de existência, o Teatro da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba, tem um momento simbólico para olhar para sua história e avaliar sua trajetória até então. Reconhecendo que os tempos mudaram e que tanto a instituição de ensino, quanto o meio artístico, a sociedade como um todo, bem como o entendimento sobre a função da educação e da arte se ampliaram, importa resgatar e registrar os primeiros passos com fins de se criar uma consciência mais ampla do que se foi e do que se pode vir a ser. A História lança desafios que podem despertar para novos horizontes, num sentido de se encontrar nela a possibilidade de nova fecundação, sempre possível. Não para desfrutar-se de um prestígio passado. Importa agora assumir-se um novo espaço de relevância e contribuição, no propósito de atender às necessidades educacionais e sociais através do TUT.

Este registro histórico do TETEF/TECEFET/TUT demonstra a vocação original e seus primeiros passos em uma caminhada imensurável em sua influência, visto que o teatro, como toda forma de arte, não nos permite quantificar, calcular, medir ou formatar a real profundidade e abrangência de sua ação no ser humano.

#### REFERÊNCIAS

A GUARDA cuidadosa e Os Faladores. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná. 1975. Programa do espetáculo.

ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)> Acesso em: 20 de julho de 2007.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS5692.htm>> Acesso em: 15 de jul. 2007.

CARNEIRO, Ivane Angélica. *Médico à Força*. Curitiba: Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 1989. Programa do espetáculo.

CHAPETUBA Futebol Clube. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná, 1974. Programa do espetáculo.

CORREIA, Marly Garcia e CARNEIRO, Ivane Carneiro. *Memória de vida*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. 18 abr. 1991.

D.G.D. *Tudo Azul no Hemisfério Sul*. Curitiba: Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, de 1985. Programa do espetáculo.

DIÁRIO Popular. Texto jornalístico encontrado nos arquivos do TUT, por ocasião da estréia de *O Pagador de Promessas*, em 1975, sem título, autoria e data.

JANKOSKI, Edna da Rosa. *Jornal do Estado*. Espaço Dois, Curitiba, 15 nov 1983. p. 01.

MEZZADRI, Ivo. Comemoração dos 35 anos de Teatro na UTFPR – Campus Curitiba. 2007. 1 Videocassete (25 min.): VHS, Ntsc, son., color.

NABOCA dos poetas. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná. 1975. Programa do espetáculo.

NÃO EXISTE amador e nem profissional. *Folha de Londrina*, Londrina, 03 out 1974. p. 02.

O AUTO da Compadecida. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná. 1973. Programa do espetáculo.

O PAGADOR de Promessa. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná, 1975. Programa do espetáculo.

OLIVEIRA, Valéria Maria de. *Teatro de Grupo: identidade e conformação*. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, ano 3, n. 25, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/025/25coliveira.htm>> Acesso em: 15 mar. 2007.

OS IRMÃOS das Almas. Curitiba: Escola Técnica Federal do Paraná, 1974. Programa do espetáculo.

QUEIRÓZ, Cleonice de. *Levantamento histórico do teatro no CEFET-PR*. 2000. 59 p. Monografia (Especialização no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba. Disponível em: <http://www.ui.jor.br/images/tecefet.pdf>

SANTOS, José Maria. *Teatro na escola, uma vitória*. 1973. [texto jornalístico sem referências, escrito por ocasião do espetáculo *O Auto da Compadecida*, em 1973]

SCHOLZ, Cley. José Maria Santos “O Maldito Samovar e o despertar de vocações”. *Jornal do Estado*, Curitiba, 04 maio 1990. Espaço Dois, p.01.

SHIMIZU, Trinta anos de teatro no Cefet-PR. *Revista Tecnologia & Humanismo*, ano 15, n.21, 2º sem. 2001.

TEATRO e teatro - II. Zé Maria – 20 anos de carreira teatral. *Diário do Paraná*, Curitiba, 16 out 1977. Anexo, p.02.

TUDO Azul no Hemisfério Sul. Curitiba: Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 1985. Programa do espetáculo.